



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10729 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

ITINERÁRIOS FORMATIVOS COM MINI-HISTÓRIAS EM CONTEXTOS EMERGENTES

Elaine Conte - UNILASALLE - Centro Universitário La Salle

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERGS

O texto apresenta um relato de experiência desenvolvido em 2020/2, tendo por base um curso de extensão voltado para práticas com mini-histórias na Educação Infantil. Discute-se, por meio da pesquisa-formação, o campo sensível do agir pedagógico, para contextualizar as práticas de mini-histórias à criação de registros éticos, estéticos e formativos. As mini-histórias se configuram como formas de fazer, ver, ser e narrar o cotidiano infantil, além de servir à documentação pedagógica, partindo da experiência sensível de aprender com as crianças. As contribuições da investigação estão vinculadas aos processos reflexivos do agir pedagógico, para aperfeiçoar as elaborações e os registros formativos, cooperativos e metodológicos que envolvem a leitura de imagens do cotidiano escolar em (co)autoria e partilha do sensível entre os profissionais da Educação Infantil.

Mia Couto (2018, *online*) já nos alertava que “o professor tem que ser um contador de histórias”. Registrar e documentar o agir das crianças no cotidiano da Educação Infantil pelo ato de ser um “contador de histórias”, segundo Walter Benjamin (2002), é permitir experimentar outras formas de olhar, de narrar o mundo e estar nele com as crianças, através da faculdade de trocar experiências. O tempo da infância é um enigma, percorrer lugares pouco habitados e únicos por mini-histórias é descobrir imagens de experiências da cultura da infância ligadas a um trabalho e a um tempo partilhados. O ato de narrar, traduz imagens e cenas que se tornam experiências pedagógicas que ficam gravadas em nossas histórias de formação. Para Freire (1983), a palavra é “mundo”, isto é, não existe palavra que não seja constituída e que constitua um contexto.

O ato de educar somado ao de fazer registros (textuais, visuais, fotográficos) e anotações do próprio cotidiano escolar não se constitui uma tarefa fácil. A fotografia, por exemplo, “é o resultado de um olhar sobre o mundo e, ao mesmo tempo, uma transformação do mundo; é uma coisa nova” (FLUSSER, 2019, p. 45). No Brasil, Madalena Freire (1983)

foi uma das pioneiras a registrar o cotidiano escolar de uma professora e crianças (de 4 a 6 anos), nos mostrando que o conhecimento construído com as crianças é algo fascinante, inspirador, de muitas descobertas investigativas no trabalho pedagógico. Já projetava um novo tipo de prática educacional (cheio de vida), norteador pela sensibilidade estética da paixão de conhecer o mundo, que se desenrolava na experiência com as crianças, cujos registros desvelavam aventuras infantis na práxis escolar, por meio de relatos e desenhos das expressões infantis. Desde Madalena Freire (1983), reconhecemos a importância do registro da experiência (pelo conhecimento de proposições e predisposições perceptivas, sensoriais, emocionais e intelectuais), com crianças na escola através de anotações da lição, como forma de resgatar memórias de situações educativas do cotidiano, num jogo contínuo entre imaginação e percepção da professora.

Tendo por base as mudanças curriculares recentes da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), é necessário criar condições de possibilidade ao trabalho pedagógico, para que a relação existente entre o currículo oficial, o currículo real e o currículo oculto sejam associados à construção de roteiros e registros de atividades coletivas, com vistas à construção de memórias e da significação do conhecimento das crianças, como proposta pedagógica à produção de mini-histórias. As mini-histórias aqui conceituadas têm seu surgimento também com as pesquisas realizadas por David Altimir (2010), com a obra “Como escuchar a la infancia”, que é trazida com referência aos contextos brasileiros para nos apropriar do que fazem os bebês no berçário (FOCHI, 2015).

Tais proposições se apresentam como breves relatos imagéticos (fotografias acompanhadas de uma escrita curta, de linguagem direta, simples e poética) sobre o saber-fazer dos bebês nas inter-relações com os outros sujeitos capazes de linguagem e ação em relação ao mundo, nas suas relações interpessoais recíprocas. Em síntese, é uma atitude pedagógica que envolve a globalidade do trabalho pedagógico e exige do professor a escuta atenta, a observação, o olhar curioso, a proposição, o ato de fotografar, registrar e narrar as experiências do cotidiano escolar. Em vista da supressão da memória infantil (amnésia cultural ou mutismo da infância) e da padronização dos métodos de educar, relacionar a construção de saberes na Educação Infantil com práticas narradas por imagens é trilhar um caminho com poucas pesquisas sobre o tema, e isso serve de impulso para pensarmos nas produções intrínsecas às práticas pedagógicas motivadas pela cooperação docente e pelo fazer infantil, articulando projetos em que a criança seja ativa e participativa desse processo (ZABALZA, 2009).

Olhar o trabalho pedagógico na relação com a infância exige o descentramento do olhar como condição essencial para despertar modos de fazer, ver, ser, escutar e perceber as crianças em seus movimentos formativos com as proposições pedagógicas. Nesse sentido, Rubem Alves (2010, *online*) nos auxilia a compreender a criança em pistas do conhecimento: “As crianças ignoram os relógios. Os relógios têm a função de submeter o tempo do corpo ao tempo da máquina. Mas as crianças só reconhecem os seus próprios corpos como marcadores do seu tempo”. O respeito ao outro envolve trazê-lo para o debate, mesmo que isso envolva

riscos e dificuldades na sistematização de diferentes histórias. Então, de que maneira podemos utilizar as mini-histórias na Educação Infantil? Será que as mini-histórias podem modificar essa realidade educacional para o alargamento do diálogo com o mundo social? A Pedagogia, por mini-histórias, viabiliza a documentação pedagógica e traz novos sentidos à Educação Infantil, dando vida às narrativas de cenas cotidianas?

Trata-se de uma pesquisa de caráter educativo, relacional e social, inspirada na pesquisa-formação (JOSSO, 2006), que vem sendo desenvolvida desde 2017, para contextualizar o processo formativo do curso de Extensão ofertado em 2020/2. O curso, por manifestar um interesse transformador de práticas, foi realizado no *Google Classroom* de uma universidade comunitária de Canoas/RS e envolveu um grupo de cerca de vinte (20) professoras de escolas distintas de Educação Infantil, criado por demanda espontânea, além do grupo de pesquisa que coordenou as atividades.

Nesse cenário de narrativas interconectadas pela cultura digital, Alves (2007) reforça a importância de promover novas formas de leitura e escrita, formando uma rede de múltiplas linguagens, imagens, sentidos no brincar com as palavras, gestos, emoções, ideias, tecendo diversas narrativas. As mini-histórias ganham novas formas de expressão em rede, outros enredos poéticos que atuam e marcam a imaginação humana, social e criadora de experiências. Os caminhos escolhidos para desenvolver o entendimento do fenômeno das mini-histórias na Educação Infantil com as professoras, pela documentação pedagógica, engloba concepções de infância, de professor, de escola e de desenvolvimento humano para o conhecimento do mundo, o que demandou uma pesquisa exploratória em sua etapa inicial, buscando observar as necessidades, assessorar, construir roteiros formativos, elaborar planos de ação e participação em práticas escolares na região metropolitana de Porto Alegre/RS.

A coleta dos dados da experiência realizada ocorreu, principalmente, por meio das oficinas pedagógicas digitais (por meio do *Google Meet*), de rodas de conversa, formação permanente das professoras participantes e notas de campo, respeitando as normativas vigentes e leis sanitárias de 2020. O entendimento da pesquisa-formação somou-se à compreensão de sentido praxiológico do aprender a realidade no contexto de uma cultura, de Oliveira-Formosinho e Formosinho (2017). Assim, a experiência de mini-histórias é atingida com potencial formativo de crítica às imagens. O exercício proposto consiste em transformar o acaso do trajeto cotidiano em uma imagem poética e de percepção da realidade. Essa imagem fotográfica desnaturaliza o seu cotidiano ao mesmo tempo em que produz narrativas sob uma nova forma de olhá-la.

Constantemente, buscamos criar espaços-tempos de sociabilidade, de responsabilidade pelo outro e de experiências na escola, em diálogos partilhados e aprendentes com relação à cultura da infância. A dimensão praxiológica supõe um desenho formativo, pois as mini-histórias narram esse cotidiano educativo, que se nutre de tradições importantes para a vida. A ideia da documentação pedagógica é defendida por diversos autores como fundamental para o registro das crianças, produzindo memórias no cotidiano escolar, para estreitar os laços

interculturais entre professores e infâncias enquanto postura ético-estética que leva em consideração as potencialidades das crianças e a compreensão formadora em diálogo interpares (GANDINI; GOLDHABER, 2002; AZEVEDO; SOUZA, 2010). A documentação tem a dimensão de dar voz às crianças, estando relacionada à ética do cuidado, da escuta e do encontro (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003).

Daí que organizar uma rede em construção de mini-histórias serve à documentação do não sabido (*in-fans* invisíveis) para a comunidade educacional, tendo no olhar artístico/inventivo e cotidiano das professoras, a possibilidade de narrar e dar visibilidade à jornada pedagógica com as crianças. Sem dúvida, esses registros podem ser utilizados para o diálogo com outras experiências de mundo, para gerar (auto/re)conhecimento, autonomia, autoria coletiva, acesso a outras leituras de mundo das infâncias e do trabalho pedagógico pela sociedade.

Por essas razões, criamos o seguinte percurso de pesquisa, sob o título *Convite às mini-histórias: itinerâncias formativas em redes narrativas*: 1) A criação de um itinerário formativo por meio de oito oficinas pedagógicas, com base nas diferentes concepções e características epistemológicas, culturais e político-pedagógicas das escolas em articulação com as mini-histórias; 2) A investigação da realidade e a reelaboração de modelos formativos sensíveis às discussões sobre arte, educação, imagens culturais, documentação pedagógica, roteirização, autonomia, produção de fotografias e mini-histórias, estimulando a formação pedagógica de redes de pesquisa e colaboração; 3) Ampliar a interlocução e a participação das professoras da rede pública para a produção de documentação pedagógica em coautoria, aliando um poder de expressão e criação de mini-histórias (trabalho de acompanhamento com as oficinas), reconhecendo as capacidades (co)autorais dos sujeitos da educação; 4) Quebrar paradigmas e criar desdobramentos educativos e científicos para as diferentes linguagens que compõem as mini-histórias na educação. Além disso, estudamos o fenômeno da percepção, do olhar, da leitura, do sentir, do gesto de fotografar e do movimento da escrita pedagógica com a interação perceptiva do trabalho nos mundos (presencial e digital).

No que segue, iremos contextualizar duas oficinas, das oito propostas, em função dos limites deste texto, uma vez que se trata de um desafio ainda maior de formação em ambiências virtuais, algo inovador em termos de representar uma situação desconhecida de prática com mini-histórias. A oficina *Janelas do sentir* serviu de inspiração para potencializar um trabalho metaforicamente novo, ou seja, para despertar outra forma de olhar, para ampliar o repertório de sensações e compreender a complexidade do que se faz como professora na Educação Infantil (THOMÉ; MENDONÇA, 2020). Esse exercício de olhar traz o desafio de percorrer caminhos diferentes em situações de atenção e percepção atenta das coisas e da natureza, traduzindo a experiência do olhar devagar e da própria bagagem cultural. Alguns retornos dessa atividade trouxeram as percepções de professoras quase sem tempo para o desenvolvimento de outras linguagens sensoriais, porque esse desafio levou a sonhar e a registrar as ausências, especialmente da valorização da escuta sensível aos mundos.

Pensar sobre a práxis e a conquista da escrita, por meio de mini-histórias, estabelecendo exercícios de criação na ambiência virtual do curso de extensão, é um desafio que precisamos enfrentar, especialmente para quem nós formamos. A partir do vídeo *Lila* (<https://youtu.be/sUy6WJL7wV8>), provocamos os participantes a olharem para as sutilezas do cotidiano e para as mini-histórias, no sentido de fazer existir por tornar visível, pela imaginação criadora, promovendo um mundo de encontros e valorização das diferenças humanas. Sabemos que criar mini-histórias em processos pedagógicos na Educação Infantil é um ato de tornar visível a vida cotidiana escolar, buscando, de uma forma respeitosa e honesta, o fazer existir por tornar visível os contextos. Ao associar o desafio da criação mini-histórias ao exercício do olhar foram trazidos alguns relatos de interação perceptiva nesse exercício conjunto. Algumas sensações dessa oficina foram escritas nas seguintes relações do que apreendemos dela, em excertos de outubro de 2020.

Podemos perceber claramente que Lila era capaz de enxergar a beleza no que via, e assim nós também temos esse compromisso de sermos capazes de olhar profundamente para cada cena, para expressar a beleza do que escolhemos contar, tornando cada mini-história especial. “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (Manoel de Barros). (Professora A).

Os mistérios da vida em transformação poética... Somos inacabados e essencialmente um canteiro de obras. Que vídeo sensível, inspirador e lindo! Confesso que assisti do início ao fim com um sorriso largo no rosto. Automaticamente relacionei Lila aos olhares! Primeiramente das crianças. Tão generosas, sempre! Percebem beleza e se encantam pelo simples e belo que a vida oferece. Enquanto o vídeo passava e as imagens apareciam, ficava imaginando que para as crianças deve ser exatamente assim... Incrível, mágico, colorido, cheio de vida! Há riqueza, imaginação, envolvimento, fascinação em tudo que a cerca... (Professora B).

Lila representa uma pureza de olhar e uma imaginação fantástica que percebo ser algo bastante presente nas crianças. A curiosidade, o fascínio e a criatividade de Lila demonstraram o quanto perdemos essa capacidade quando adultos. O olhar endurece, perde a leveza e gera um afastamento daquilo que as crianças cotidianamente querem nos mostrar: a beleza da vida. (Professora C).

O processo de observação atenta e da escrita poética para documentação visa a construção de sentidos em meio às tecnologias educativas, do que é apreendido e tecido junto, a fim de superarmos uma pedagogia da infância oprimida. Vale destacar que as mini-histórias na complexidade do agir pedagógico envolvem muita reflexão sobre a prática, por isso foram desenvolvidas com vistas ao próprio processo de (auto)formação e discussão acerca da educação estética e sensível com a infância, e não somente para o registro e documentação. Acrescentamos que o trabalho pedagógico com mini-histórias enquanto campo de experiência coletiva pertence à lógica do professor comunicacional, artista, de autonomia estética e escritor sensível, pois “valoriza-se a determinação da arte como forma e autoformação da

vida” (RANCIÈRE, 2009, p. 39).

Desde o primeiro encontro com as participantes, desafiamos elas a fazer uma narrativa visual da própria formação que contemplasse o que havia ocorrido nesse período de pandemia, com o objetivo de compartilhar os saberes da experiência, em forma de autorreflexão do percurso realizado no curso. Essa oficina foi proposta e organizada no final do curso de extensão para fortalecer os vínculos e a abordagem das mini-histórias, na tentativa de dar continuidade à formação permanente em 2021, por meio de uma coletânea de ensaios. Vejamos alguns relatos da experiência:

O curso despertou a sensibilidade em observar mais, em sentir, apreender e também sobre a importância do registro de momentos que parecem comuns, mas que trazem em si uma profundidade antes não percebidas. E sinto que este aprendizado vou levar para a vida, tanto no trabalho com a educação infantil, quanto com a família e amigos... (Professora D).

As mini-histórias são fontes importantíssimas de documentação pedagógica, pois por meio delas é possível observar o cotidiano da educação infantil, as aprendizagens... Além do olhar cuidadoso da(o) educadora(o) quanto ao protagonismo infantil. Esse curso foi um presente durante o isolamento social, no decorrer da minha formação tive pouco contato com a educação infantil. [...] foi um momento de apreciação e de beleza do meu dia, pois as mini-histórias são artes feitas a partir dos registros das crianças como seres sociais. (Professora E).

O curso trouxe ma percepção das mini-histórias muito além da que eu tinha, com uma extrema sensibilidade e um olhar profundo sobre uma determinada situação envolvendo uma ou mais crianças... (Professora F).

As mini-histórias oportunizam muita reflexividade, criticidade e criatividade no processo de ensino e aprendizagem. É necessário compreender muito sobre esta perspectiva pedagógica. (Professora G).

Conforme podemos depreender dos relatos acima, a experiência revela o que aprendemos desses encontros formativos e como atribuímos sentidos e percepções a esses movimentos do curso ao escutar e documentar o desenvolvimento das aprendizagens sociais desse período de pandemia. As evidências científicas mostram que no caminho de horizontalidade todos aprendemos em comunicação, inclusive as famílias se dispõem a participar mais do cotidiano escolar e acompanhar o desenvolvimento das crianças em ações da vida, para o exercício competente da própria condição humana em suas experiências sociais e colaborativas. Por tudo isso, experimentações no campo de mini-histórias mobilizam o trabalho conjunto, o processo de descoberta do mundo, valorizam as potencialidades das crianças nos processos de imaginação criadora, estimulando as linguagens e os registros das histórias do cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Mini-histórias. Documentação pedagógica. Itinerários

Formativos. Experiências.

REFERÊNCIAS

ALTIMIR, David. **Como escuchar a la infancia**. Barcelona: Octaedro, 2010.

ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ALVES, Nilda. As múltiplas formas de narrar a escola. **Revista Currículo Sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 5-7, 2007.

AZEVEDO, Ana; SOUSA, Joana. **A documentação pedagógica em contexto de creche: a partilha de poder**. Cadernos de Educação de Infância, n. 91, p. 34-39, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

COUTO, Mia. O professor tem que ser um contador de histórias. **Nova Escola**, entrevistado por Wellington Soares, de 10 de abril de 2018.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FLUSSER, Villén. O gesto de fotografar. **ARTEFILOSOFIA**, n. 26, p. 41-51, jul. 2019.

FOCHI, Paulo S. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (Orgs.). **Bambini: a abordagem italiana à Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, mai./ago. 2006.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. Pedagogia-em-Participação: a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos da criança no cotidiano. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 115-130, set./dez. 2017.

RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do sensível**. 2. ed. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

THOMÉ, Ana Carol; MENDONÇA, Rita. **JANELAS - registros do sentir**. Relatos das participantes do curso virtual infância e natureza módulo 2. São Paulo: Instituto Romã, 2020.

ZABALZA, Miguel Á. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.